

AUTORES LIVROS

Ano 10
9/1/1944

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mário
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. VI
Rúm. 2

Notícia sobre Varnhagen

Francisco Adolfo de Varnhagen nasceu em 17 de fevereiro de 1808, em São João do Ipanema, localidade pertencente à Província, em São Paulo.

Era filho do sargento mór do Real Corpo de Engenheiros Francisco Luis Guilherme de Varnhagen, e de sua esposa, a Maria Clara de São Magalhães. O sargento mór Luis Guilherme era filósofo, nascido em Arad, um principado de Wallachia, d. Maria Clara, da qual só poucas informações se ancestrais, deu-se de origem portuguesa. O velho Varnhagen havia muita relativa a serviço de Portugal: havia servido em terras portuguesas contra as forças de Napoleão e veio para o Brasil em 1810 por incumbência doconde de Linhares, para realizar a nossa indústria siderúrgica.

Francisco Adolfo tinha oito anos de idade, quando, tendo seu pai regressado à Europa, foi viver em Portugal. Ali fez os estudos primários e os secundários, e os de engenharia militar. Foi um dos soldados de D. Pedro IV — D. Pedro I do Brasil — na luta contra D. Miguel. Obteve o seu título de engenheiro em 1840. Quatro anos depois veio para o Brasil, afim de pleitear o reconhecimento de sua nacionalidade brasileira. Conseguiu-o pelo decreto de 24 de setembro de 1841. Logo depois, foi admitido como oficial no Imperial Corpo de Engenheiros do nosso Exército.

Ao vir para o Brasil, já era trazido o nome de escritor ilustre e historiador digno de toda consideração. Em 1839, aos 25 anos de idade e ainda aluno da Real Academia de Fortificação — titulava-se como colaborador de "O Panorama", a importante revista onde apareciam os nomes de Alexandre Herculano, de

A Flora Brasileira — Varnhagen

A vegetação aqui é sucessiva; poucas árvores perdem as folhas; algumas delas carregam flores, quando ainda os seus ramos vergam com o peso do fruto da "safra" anterior; e destes últimos vão uns inchando, quando já outros estão "de vez" ou de todo maduros.

Nos terrenos de formação de "gnes", em vigorosa decomposição pela ação fortíssima de "atmosfera" e das chuvas torrenciais, há mais humidade, e a vegetação é mais luxuriante, sendo as mais admiráveis as matas virgens.

No litoral tem as plantas bastante analogia com as da costa d'Africa frontal: nos alagados do mar "pululam" as "izophorae", que chamamos mangues, as quais se multiplicam pelos próprios ramos, que das galhas se debromam a buscar a terra. São árvores como que destina-

Rebelo da Silva e Oliveira Martins. Neesse ano, vem servir em terras americanas, removido que fôr para o Paraguai, na qualidade de ministro residente. Não se deu bem porém, em Assunção, desgostoso e indignado que o deixavam as atitudes de tirano do Solano Lopez. Certa dia, sem ter antes obtido licença do governo brasileiro, abandonou o seu posto, e veio para a costa. Mandaram-no, então, — em 1851 — para a Venezuela, sendo que a sua ação se estendia também à Nova Granada (hoje Colômbia) e do Equador. Em Caracas, firmou ele três alianças — para facilitar a navegação e o comércio com a Venezuela, adiando a demarcação, e reconhecimento das fronteiras entre os dois países, e estabelecendo o princípio da reciprocidade na extradição.

Em 1853, foi removido para o Peru e o Chile. No primeiro desses dois países, teve um acidente muito grave. Quando irrompeu a luta entre o Brasil e o Paraguai, o governo peruanos do general Paredes, pela voz do seu ministro das Relações Exteriores, se pronunciou contra o nosso país, enviando ao Congresso um relatório em que a justiça da causa do Paraguai ficava estabelecida. Varnhagen apresentou uma nota de protesto, firmou um protocolo com expressa declaração das motivações de sua retirada, e pediu os seus passaportes. Foi isso em julho de 1867. Simultaneamente o encarregado de negócios do Peru no Rio abandonou o seu posto, ficaram assim interrompidas durante dois anos as relações entre os dois países.

Em 1868, foi removido para a nossa legação na Áustria, e ali

(Continua na pág. 20)

das pelo Criador para marcar os leitos aos rios dos climas subtropicais, quando as suas águas se vão mesclando com as salgadas do mar.

Seguem muitas euphorbiáceas, malváceas e lúgumíferas. Abundam, porém, mais que tudo, e que em pais nenhum, as famílias das palmeiras e das orquídeas, parasitas aéreas de grandes e notáveis flores.

Mas o que torna mais original a vegetação deste país é a abundância dos cipós, que caem verticalmente dos ramos das árvores ou as unem umas às outras, como se fossem a encadaria de seus troncos contra os tufões, ou finalmente se enrolam por elas, e, às vezes, com tal força que as alagam, ou com tal avidez, que lhes chupam o melhor do seu suco, e as assavinharam, substituindo assim o antigo tronco, que apodrece e se consume com o tempo, ouro novo em espiral.



VARNHAGEN

SUMÁRIO

PÁGINA 31:

- Notícia sobre Varnhagen
- Bibliografia de Varnhagen
- A Flora Brasileira, de Varnhagen

PÁGINA 20:

- Benefícios da guerra holandesa, de Varnhagen
- A Tabá, de Varnhagen
- Estudos sobre Varnhagen, de João Ribeiro:
- Primeiro artigo
- Segundo artigo
- Terceiro artigo,

PÁGINAS 29, 30, 31 E 32:

- Escritores do Reino de D. João VI, de Varnhagen
- História Geral do Brasil, de Varnhagen (frontispício do primeiro tomo da terceira edição).

PÁGINAS 33, 34 E 35:

- Poética de Gonçalves Dias (Estudo lido na Academia Brasileira de Letras e, 22 de dezembro de 1943) de Manoel Bandeira.
- Duas palavras ao Mito, de Raul de S. Victor.
- Só existe uma arte, de Quirino Campofiorito.

PÁGINA 27:

- A Fauna Brasileira, de Varnhagen

PÁGINA 36:

- Livros da Academia, de Mário Leão.

SÍNTSE DE

Cabem-nos certamente alguma das defesas que somos acostumados. Como raça e como povo — latinos pela cultura, portugueses pelo sangue, brasileiros pela nacionalidade — da qual não podemos, entretanto, ser facilmente acusados e de ser minguada a nossa admiração pelo talento, pelo valor e pelo sucesso. Ela é antes fácil e ruim. O pior, porém, é que, constituinte a admiração, quando consciente e fundamentada, a projeção do epicurismo intelectual, os que procuram a harmonia das faculdades espirituais tanto quanto o equilíbrio da vida material, podem, pelo efeito de uma conhecida lei física, ser naturalmente levados a encantar o reconhecimento, que é a projeção da ternura do coração. Não creio, contudo, incompatíveis as suas manifestações e se, como para alguma sól acontecer, a admiração é característica dos talentos inferiores e o reconhecimento distintivo das almas paulistanas, acelto de bom grado uma outra qualificação, para dizer-vos, Senhores, quanto me alegra e quanto me honra vir hoje expressar-vos meu maior reconhecimento pela minha eleição para membro da Academia Brasileira e dar largas à minha admiração pelo mais notável dos nossos historiadores, porquanto foi o mais valente trabalhador da história nacional.

Quando, muito novo ainda, eu estudava paleografia na Torre do Tombo, de Lisboa, tendo por mestre José Basto, um dos auxiliares de Herculano na obra grandiosa dos "Portugueses Monumentos Históricos", costumava anotar enquadriar nos maços de papéis bolorentos, de caracteres semi-apagados, debaixo da poeira dos séculos, algum documento que na minha prosaia juvenil julgava dever ser decisivo para a solução de qualquer dos enigmas da nossa história, que o tem conquanto date de ontem. Ora, era com viva surpresa e não menos viva desapontamento que, em quase todos aqueles papéis, se me deparava a marca discreta do lápia de um pachorrento investigador que me procedera na Iaia, e que verifiqui não ser outro senão Francisco Adolfo de Varnhagen. Atribuindo o seu nome ilustre a cadeira que a vossa benevolência aqui me concedeu, escolhendo-o, pois, para meu patrono — mais careeira de um padroeiro, para usar da linguagem tradicional, que tão bem corresponde ao personagem — e ate ao espírito "comigo de séulo" — celebrando agora sua memória, faço mais do que instintivamente recorrer a um modelo, traçado uma saudosa impressão da primeira moedade, além de prestar uma das mais merecidas homenagens que reclamam os fundadores do nosso patrimônio intelectual.

Modelo também poderia chama-lo, como diplomata e homem de letras que foi, e mais prezando esta qualidade do que aquela, no que alma revelava o bom senso germânico que herdara, porque, ao passo que a literatura se torna cada vez mais ardida pela soma de conhecimentos que requer, a diplomacia torna-se cada vez mais fácil pela soma de predicados que dispensa. Não é maldizer da diplomacia lembrar que, merecida maravilhosa facilidade de comunicações, do devassamento da vida política pelos jornais, da virtual cessação de todo o sigo de Estado, da colocação dos cargos públicos no alcance de todos os cidadãos, não mais permanecendo privilégio de uma casta, de outras circunstâncias ainda, ela deixou de ser uma arte para tornar-se uma profissão. Os diplomatas dependentes agora tão de perto e descanham tanto sobre o chefe da sua corporação, gozam assim de tão pouca iniciativa e autonomia, que já foram irreverentemente tratados de meros tocadores de certo instrumento anti-musical, que Rossini tinha em horror, e que a gravidade académica me dissuade de mencionar. Felo contrário, o historiador moderno carece de ser, além de um erudi, um artista, de descobrir, ele próprio, as fontes, analisá-las o valor, saber aproveitar o manancial que delas brota, quando ainda livre de impurezas, e arreda-las em vasos do mais puro cristal por ele mesmo facetado.

Nas páginas eloquentes dedicadas por um académico francês, o Duque de Broglie, a Victor Duruy, le-se o que deve ser hoje o historiador, como tem de combinar a sagacidade da verificação com o talento da exposição, aliar a circunspeção do pesquisador à habilidade do narrador, o que, demandando em rigor para aplicar-se a evolução de um povo ou de uma nacionalidade tempo mais que de uma vida e inteligência mais do que a humana, convém a elaboração das monografias e, como consequência, produz a dispersão da matéria histórica. Não há, com efeito, quem não esteja convencido de que o século atual será irremediablemente o século dos especialistas. Aquelas palavras de Brugui são tanto mais dignas de meditação quanto é bem verdade que o antes afirmara Augustin Thierry, um dos mestres da moderna história francesa, que a direção intelectual dominante no século XIX seria a "necessidade de história".

O que em que há pouco entrâmos encontra bem apropriadas todos os ramais desse campo, cuja vastidão contudo desafia a das savanas imensas por onde vagam o capão errâncio de Chateaubriand, que foi o primeiro a tecê-lo pitoresco. Aplicando o próprio critério o historiador brasileiro na curiosidade mental de sua época, revelou-o o mesmo Thierry em magnífica conhecedor dos tempos enunciou um conhecido lema na língua portuguesa só se encontra análogo em Almaneque Herculano — "sério, vigoroso", animado, apontando especialmente nos textos primários e nos documentos originais as suas informações preciosas;

até liberal intranquilo de julho, como foi Herculano em política um ferrenho carlista.

Cabaria Varnhagen dentro da categoria delineada pelo Ilustre Duque? Teria sido um erudi e um artista, um Niebuhr e um Beauf? Se não, aproximar-se-ia ele asequir daqueles representantes ermitos do gênero severamente histórico, que não faz concessões extraordinárias as galas do estilo, e na consciente gravidade põe seu maior encanto? Na forma académica, tal como a consagraram os franceses, é inevitável o gosto de leves e mal distinguidas ironias. Nós, porém, não estamos empenhados neste momento na recepção de um novo membro da nossa Companhia, nem no elogio de um compatriota de ontem, cujas fraquezas de escritor — quem deixaria de tê-las? — ou cujas antipatias de gostos literários estejam presentes e vivas. Gostaríamos um morto, de longa data, que já a ninguém faz sombra e não mais é discutido. Não se trata de um predecessor a criticar, mas de um predecessor a canonizar. Seriam assim inconvenientes as ironias, sobre quem desabafas. Lembrados de que Varnhagen foi, sem contestação, o criador da história patria, senão em síntese luminosa pelo menos na comprovação essencial, é tão somente com respeito que devemos encarnar essa figura amável da nossa literatura, posto sejamos forçados pela justiça a aplicar das reservas indispensáveis em todo estudo a nossa legítima admiração perante ela.

O fato é que os fastos literários se não uniam entre nós de um historiador parecido com qualquer dos erudi superiores de cujos nomes tão menção. Francisco Adolfo de Varnhagen foi por certo o mais notório e o mais merecedor dos estudosos do passado brasileiro: foi um ardente investigador, um infatigável ressuscitador de crônicas esquecidas nas bibliotecas e de documentos esoterizados nos arquivos, um valioso corretor de falsidades e ilustrado colecionador de fatos. Porém o dom admirável de comunicar vibração às turvas desaparecidas, que caracteriza um Michelet, ou a extremoabilidade de reconstruir com um aglomerado de pormenores, um caráter humano, ou dele deduzir uma lei da evolução, que particulariza um Taine, os não possuem o autor da "História Geral". Faltava-lhe para isto, mais do que uma faculdade psicológica aquém da sólida e moderna preparação científica, a ingente obra crítica que aqueles outros escritores contavam a ampará-los.

Remontando mesmo mais longe, dentro do século findo, do que a Michelet e Taine, Thierry escudarase com os pacientes trabalhos dos Beneditinos e com os resultados das pesquisas das Academias, e Alexandre Herculano, ainda que abrangendo a sua produção um longo esmuçar de monumentos históricos, sentia-se arrimado aos faustos mais excelentes frutos da atividade da Academia de História e da Academia das Ciências. No Brasil, apenas hoje, graças justamente ao labor indefeso de Varnhagen, a estudos especiais como os de Norberto de Souza sobre a conjuração mineira, do dr. José Higino sobre o período do domínio holandês no Norte e do sr. Lucio de Azevedo sobre os Jesuítas no Grão-Pará, e o impulso prestado as monografias, dissertações e comparações de documentos pelas associações que são modelos o Instituto Histórico do Rio de Janeiro e, em menor escala, os Institutos de Pernambuco, Ceará, Bahia, S. Paulo, etc., poderá um sinergetor tentar firmar num vista de conjunto a sua concepção particular do desenvolvimento patrio.

O traço dominante da individualidade de Varnhagen é a paixão da investigação histórica, a qual subordinou todas as suas manifestações de escritor. Ele traz-nos a memória o falsoador atraído pelas pailetas de ouro ou o galimpeiro hipnotizado pelos diamantes, esquecido da beleza da joia em que labuta por descobrir os tesouros da terra, cego diante da formosura da perspectiva e da transparência da atmosfera, que seduziriam o pincel de um pintor, surdo ao sussurro das folhas e ao canto das aves, que acordariam o estro de um poeta. Se compunha um drama como o "Amador Bueno" (1), Varnhagen escolhia um ponto controverso da história patria, aproveitando em sua plenitude a legenda que a sua crítica não podia acolher sem ressalva (2). Se esboçava uma novela como a "Crônica do Descobrimento do Brasil" (3), fazia-o, segundo declarou (4), para vulgarizar o primeiro documento histórico relativo ao Brasil, que foi a carta descriptiva de Pero Vaz de Caminha: por "achar que a forma do romance era o melhor meio de adaptar ao gosto de todos a história do país". Se redigitava os nossos épicos, Basílio da Gama e Durão (5), ou outros dos nossos poetas no "Florilégio", buscava sobretudo um pretexto para escrever-lhes as notícias biográficas — as melhores que até agora temos — e rechazar as publicações de notas eruditas. Se traçava algumas páginas sobre arquitetura a propósito da igreja de Santa Maria de Belém, não o impulsionavam tanto os sentimentos de arte como o desejo de aproveitar mais uma contribuição para fixação de épocas históricas.

A carreira diplomática, da qual percorreu todos os graus, ofereceu-lhe principalmente ensejo para indagações na mais valiosas em arquivos e livrarias. Da Torre do Tombo, em Lisboa, extraiu do-

mentos sem número e seu par, Dos de Somanca, está cheia a primeira edição da sua história do Brasil (6), servindo-lhe aqueles de que tudo se não aproveitou, para, quando na América do Sul, preparar o ensaio sobre a ocupação holandesa do norte do Brasil e escrever a famosa defesa de Vespúcio. Em Viena delineou a história da Independência, ainda inédita e atualmente em micos do nosso conselheiro Barão do Rio Branco, em grande parte sobre as informações diplomáticas do Ministro austriaco no Rio de Janeiro, admiravelmente colocado para seguir a trama íntima dos acontecimentos como representante de uma corte parente, e possuindo no próprio seio da família real portuguesa uma natural informante na pessoa da arquiduquesa Leopoldina. Ningum contestaria que este rote de serviços seja superior ao que podem apresentar muitos diplomatas, mesmo saídos de fresco do torvelhinho de negociações espinhosas. Mais vale em todo caso escrever história com autoridade do que ajudar a fazê-la sem capacidade.

Varnhagen é um exemplar preceito para a justificação da célebre teoria de Taine, ou seja, do mérito do momento, que os exageros dos discípulos não lograram descreditar.

Nascido em São Paulo, era, porém, filho de um alemão, mineralogista, de cujo restaurante e aministro a conhecida fábrica de ferro de Ipatinga e que com Eschwege, Debret, os Taunay e tantos outros, fazia parte do grupo de europeus do Norte, ao qual o Brasil deu um inestimável concurso intelectual nos começos de sua existência como nação independente. Da raça germânica recebeu ele em legado o amor ao trabalho aturado, a paciência na elaboração de uma obra, o cuidado na exatidão dos resultados, que a sua edição do engenheiro só podia ter socializado. Vindo para Portugal aos oito anos, cruzou-se entre aquela gente do "Panorama", avida de regeneração mental, seduzida pela evocação do longínquo passado nacional, dominada pela grande corrente de curiosidade de história de que relava Thierry. Os primeiros ensaios de Varnhagen, depois das "Reflexões críticas", encontram-se precisamente no mencionado órgão da propaganda romântica — tornando esta expressão no seu sentido mais largo e mais levantado — colaborado por Herculano, Oliveira Martins, Rebelo da Silva e tantos outros escritores do tempo. O "mio" e o "momento", portanto, não podiam ser mais propícios ao desabrochar dessa vocação de historiador, cuja corola ainda ocultamente se voltava, aquosa de luz e de calor que lhe avivasse as cores, para o sol magnífico que dourava cada dia o pincar do monte Paeçal.

A educação literária em Portugal, nas condições apontadas, não impedia, antes contribuía para que "a pátria de nascimento e de opção" (7) lhe ocupasse exclusivamente o espírito (8), de que encetou a carreira das leituras. Não faltavam já as "Reflexões críticas" a edição pela Academia das Ciências do "Roteiro do Brasil", de Gabriel Soares, do qual ele daria mais tarde nova e correta edição (9), o primeiro trabalho que lhe devemos foi em 1839, aos 23 anos de idade, a publicação do "Diário da navegação do Brasil", de Martinho Alves de Souza, escrito pelo irmão Pero Lopes, enriquecido com curiosas anotações. Depois continha-se por dezenas os manuscritos referentes ao Brasil que salvou da destruição os papéis históricos que livrou do esquecimento. Desde a "Narrativa epistolar", do padre Fernão Cardim, até a "Descoberta do Maranhão", de Herlario (9), é um nunca acabar de subídios valiosos fornecidos por Varnhagen no estudo dos nossos três séculos de vida escrita. Era como se ele tivesse avocado, para compri-la, uma tarefa que de ordinário se reporte por uma porção de sociedades de descanso mutuo.

A fundação do Instituto Histórico do Rio de Janeiro, no próprio ano da sua estreia na literatura histórica, veio a propósito para estimular-lhe o zelo e provocá-lo a redobrar seus esforços de escavador, já recompensados pela Academia de Lisboa com a admissão para sócio. Também o seu espírito era perfeitamente o de um académico do século XVIII, com a compreensão mais larga das coisas de inteligência dadas pela cultura moderna. Nele faltavam aquelas súras literárias, aquiescências mundanas profissionais tão característicos, e que nele deram nascimento a várias, conhecidas e instrutivas polêmicas, azedas umas, urbanas a maior parte, com Abreu Lima, com o Visconde de Santarém, com D'Avézac, com Richard Major, com João Francisco Lisboa, com Netscher, com Antônio Rodrigues Leal. Não havia competidor que lhe inspirasse receio, nem sumidade que o fizesse recuar. O seu talento de polemista era, contudo, fraco, só o ponto de vista literário; nada de sarcasmo era de um Camilo ou da ironia alada de um Octaviano. Varnhagen tinha a falta de espírito de qualquer "privat-docent" de Bonn ou de Heidelberg, que não possuía sombra da ciência de encarregar de Haine ou do penetrante talento de metaciar de Schopenhauer. A zombaria era-lhe estranha. Quando tentava ter gosto, metendo alguém a rídiculo, nada mais conseguia do que fazer-nos sorrirem da sua insipidez. Fugitando a argumentação sem nunca fulminar o adversário com a raio de indignação ou submergí-lo numa tempestade de galhofo, descendo às últimas minudências pelo in-

(1) Lisboa, 1817.

(2) História Geral, 2^a ed., tomo II, pág. 380.

(3) Idem, 1821.

(4) Idem, 1821.

(5) Lisboa, 1821.

(6) Publicada em Madrid em 1854-57.

(7) Rapida apreciação de um escritor eslavino.

(8) Tomo XIV, da Revista Trienal.

(9) Viena, 1824.

VARNHAGEN - Oliveira Lima

Indo no seu das desdichas, os cuius ataque e destruiu a independência para a autoria de todo o que é de bom, o que é grande. O encantado príncipe de pensador que vibrava desafios de fogo.

Então, a bela noite se sucedeu, e de imediato, como atirado a incendiá-la por trás, e espalhado por sua personagem, na noite das lucas das indústrias no Brasil", exalta profissional e com entusiasmo, constituiu Varnhagen o objecto de seu lauvar, mostrando para e a João Fernandes Viana uma viva amizade. A sua grande, soberana e mais antiga amizade histórica foi, porém, com Amerigo Vespucci, em magnificência de navegação, verdade de coragem e de fidelidade. O narrador defendeu com grandeza copia de argumentos históricos e geográficos, efeitos de textos e comparações de costumes no trabalho geral sobre a história do Brasil, em artigos esparsos (10), e na resposta a um artigo, também contido na parceria do eminente Mr. D'Avéze sobre a "História Garofá" (11). "Vespucci, que chegado ao senso da vida, consegurá entum a raver grandemente, foi denunciado de morto alvo de ataques injuriosos e acrimôniosos. Sua memória tornou-se a vítima inocente da própria fama que de princípio lhe fora dispensada. Não sagamos mais este miserável sistema que consiste em vilipendiar a hora dos pequenos, para exaltar a glória dos grandes, e, esclarecendo a história das viagens de Vespucci, aduziremos uma questão a um tempo de justiça e de moralidade" (12).

É se bem o disse melhor o Ioz. Os dois trabalhos especiais dedicados ao navegador florentino são honestamente de grande pena pelo intuito com que foram elaborados, pelo método que seguiram e pela riqueza de evidências que ostentam. Um dos dois, os seus livros, talvez esteja tanto abundância, um, um luxo de ilustrações históricas. Percorrendo-as, esses dois volumes exigiu tem-se a impressão perturbadora de uma floresta dos trepadeiras, densa e perturbada, onde tudo se nos afigura estranho, cujas árvores parecem formar uma tumba contínua pontilhada de orquídeas exuberantes, mas onde acasalam-se por orientar-nos perturbantemente. São elas, extremamente, aprofundadas, suas obras monumentais como a de Justin Windsor (13), pois que Varnhagen é um dos rares brasileiros cujas opiniões gozam de incontestável autoridade, fora do nosso mundo intelectual (14).

Apesar de, por um efeito seguramente de simpática curiosidade, interessar-me vivamente pelo homenageado de Vespucci, não me aventurarei a decifrar o plie em que o nosso historiador se empentou magnificus et rostro". Li muitas das peças do processo, e, se fosse juiz chamado a proferir a sentença, diria com sinceridade que a questão da autenticidade das primeiras navegações de Vespucci, particularmente da viagem de 1497 com a consequente descoberta da terra firme, parece-me uma das questões aventadas para nunca serem decididas. A nossa Academia poderia em peso tentar a solução desse problema no século XV, sem conseguir encarar-se o I. O famoso Dicionário da Academia Francesa ainda pode anterir sua terminação, dada a perpetuidade da instituição que o está encarregando. A questão Vespucci, entretanto, mais se compõe com o andar dos tempos: pela sua perpétuidade, ela é uma das mitas que nos fazem duvidar da veracidade das premissas de que a história costuma tão solenemente tirar suas conclusões (15).

Em Varnhagen superabundava em erudição e que o ensejava, como disse, em espírito propriamente filosófico. Qualquer orientação que a sua inteligência pudesse ter manifestado de conexão para a consideração das causas dos acontecimentos — e por algumas páginas nos seus primeiros trabalhos ve-se que tal preocupação lhe não foi aliena — desviou-se na continuamente pela insistente pesquisa de documentos para o restabelecimento da veracidade dos efeitos ou fatos. Durante sua longa residência em Portugal, ao tempo da sua convivência com Garret, José Estêvão, Igre. Francisco de S. Luiz, que lhe despejava uma paternal afetção, e os outros corifeus da grande geração portuguesa da primeira metade do século, e ainda depois da sua transferência diplomática, para Madrid, foi que ele mais se dedicou a estudos propriamente literários. Data de 1849 (Madrid) a edição das "Trovas e Cantares ou mais provavelmente o Livro das canções do Conde de Barcelona", a qual inaugura qualifica de "inegável valioso serviço à literatura em geral e, mais particularmente a portuguesa" (16). Em Lisboa e Madrid publicou (1850 e 1853) os três tomos do "Florêgio", cuja introdução é julgada excelente, ao ponto de a considerar uma obra de autoridade do ar. José Veríssimo a fonte da nossa história literária a qual teria Varnhagen al ascendido e critério geral". É verdade que sobre aquelas páginas reveladoras repousam os trabalhos críticos posteriores, mais avultados e mais elaborados, que retomaram o flu abandonado pelo grande trabalhador no seu prurido de desbravar novas informações, nela mais forte do que a deleite de enfeixá-las com garbo.

Diz-se-lhe que mais tarde lhe roubou todos os momentos a pura investigação, até esterilizá-la, sei-

domínio da pré-história americana, da qual já se havia ilicitamente ocupado no opúsculo "Sumo, fenda mito-religioso", anteriormente publicada no "Panorama". Para ser contido um arqueólogo ou um etnógrafo de valor igual ao do eruditão histórico que era, faltava-lhe a base que só podia haver naquela mesma instrução especial, compatível mais com o méio e o momento em que se situava a sua inteligência, mas que lheca um tanto fora da esfera peculiar de atração do seu espírito. As suas informações sobre os selvagens são por via de regra fidejuntas, porque se apoiam no testemunho dos antigos autores que de continuo mantinham, porém, as suas relações sobre etnografia brasileira, condensadas no livro "L'Origine Touranienne des Amériques Tupi-Caribes et des anciens Egyptiens indiqués principalement par la philologie comparée", não passam de divagações de dileitante. Varnhagen possuía todavia uma condição vantajosa para sua arena e despreocupada observação das hipóteses que constituem ainda hoje o interior do haver desse ramo dos conhecimentos humanos. Quem talvez entre os escritores brasileiros da sua geração nunca revelou ampla paixão pelas antropologias.

Coma se na "Replica Apologetica" que, ao ser apresentado em Portugal pelo pal a D. Pedro I, entrou da qual resultou o afastamento do jovem Varnhagen nas férias literárias, na campanha do Duque de Bragança contra D. Miguel, o oprimidor do Brasil reparava na sua elevada estatura, ajuizando "que era do sangue paulista". O sangue dos bandeirantes e o sangue alemão que de infância lhe corriam nas veias, não podiam gerar o sentimentalismo sobre que assentou em sua parte a corrente indiana da massa literatura. E como teve sempre a coragem das suas opiniões, nem se apodouas de pouco humanitário, sustentou-as com convicção quando viram a proposta, e com vivacidade, ao travar a tal respeito com o ilustre prosador mato-grossense José Francisco Lisboa a polêmica de que ficou por memória o famoso "Os índios bravos e o Sr. Lisboa" (17).

Varnhagen era francamente anti-indianista como logo o notou D'Avéze, extratirando que em vez de começar sua História pelo das aborigens, e de conseguisse pôr de Portugal, da terra dos colonizadores, da qual o Brasil assim formava o meco do abrigo particular no ultramar. Era anti-indianista em tudo, menos nas linguagens, na qual dava caloroso abrigo aos termos americanos, ao passo que acusava os negros de haverem escravizado no Brasil a língua portuguesa. Os índios na costa do selvagem lhe não mereceram, porém, simpatia alguma: todos os encantos de Atala não quebraram sua frieza. Sem odia-lhos como raia num prender exterminar como parte pouco desejável da população nacional, nem um direito ihesuítico que valasse, perante as exigências da civilização europeia, aquilo que o poeta Rudyard Kipling, com tanto sucesso denominou o "White Man's burden". Deverá antes ter nascido Anglo-Saxão quem tão firmemente exultasse o orgulho do branco, tão gostosamente lhe selava os fôros; tanto lhe amuleteca os serviços.

No seu íntimo Varnhagen não acreditava nos lucrativos esforços da catequese para amansar os índios, elevá-los à vida social, "reabilitá-los", como dizia a espécie de Romantismo que não preteria o puro estudo natural. No chamado "Discursus Preliminar" ou "Os índios perante a nacionalidade brasileira", ele o deraria mesmo: contava todo o encanto com a força para contê-los, "avassalá-los", repeli-los quando preciso, obriga-los a tornarem-se úteis trabalhando em benefício dos invasores para o progresso material, que por simes aproveitaria também. Não podemos, no entanto, acusá-lo de inabutável escravocrata. Sujego dos índios era para ele equivalente a redução na importação dos Africanos, cuja emancipação lenta e gradual arribou por adovgar com animação, apesar ter pretendido substituir a servidão indígena a escravidão negra. Para combater o seu desprezo fundamental pelas raças inferiores atuava o fermento da sua fé, visto haver ele sido um crente num mundo em que o voltaísmo estava na moda, assim como se revelou um conservador esclarecido e adiantado num tempo em que o epíteto de liberal andava comumente atribuído aos que

(10) Vide a nota 2, no final deste trabalho.

(11) Vide a nota 10, no final.

afixavam ideias revolucionárias. A sua ascendência era assim fidalga para permitir-lhe essa postura meio reacionária; a sua natureza assim ativa para dispensá-lo de cortejar uma fala popularidade, baseada no esquecimento das suas tradições de família e das suas predileções morais.

Como objeto de estudo, entretanto, em sua extensão como erigem dos "mitos dos tempos heróicos da nossa história", o Idioma Nunca cheirou de atração. A criação, no Instituto Histórico, da seção etnográfica é-lhe devida, e bem assim sustentou a conveniência de fundamentar-se cedidas da língua tupi. Dando o seu próprio exemplo, adquiriu no campo da linguística americana, como em todos que cultivou, uma sólida competência, que a outros bastaria para satisfazer a âmbito de saber, se bem que nada houvesse alavado a cabo de notável ou de singularmente interessante. Contudo, escreveu Richard Burton na introdução sobre índios brasileiros da sua tradução de Hans Bladen, que foi Varnhagen o primeiro a esclarecer a confusão etnológica que reina nas obras dos escritores anteriores, de quem dependera Southey.

Se não era um homem de ciência como Humboldt, tão pouco era Varnhagen um estilista como Renan. Exercia com gravidade, com correção, por vezes com fluência, mas sem elegância nem brilho. Quando mais apurada, isto é, quando se eleva ou mesmo se empala para condizer com o assunto, ou para traduzir os sentimentos nobres que animam a sua linguagem, perde toda a agilidade, só o peso dos artigos que, embora pouco graciosos, não sejam ainda assim julgados excessivos — e de mau gosto se por causa deles não ficasse emperifada a expressão do autor. Nos tempos da colaboração no "Panorama", particularmente na "Crônica do Descobrimento do Brasil", enverga-se na sua forma a preocupação dos termos apropriados, novos ou obsoletos, mas concretos e diretos, que distinguem a linguagem sua contemporânea, e foi particular objeto da escola romântica, no tocante a expressão. Pode até apodar-se de excessiva essa tendência no referido trabalho de mocidade, obviamente ou em tanto cavaricando por momentos a narração, tal é a copia dos vocabulários técnicos usados, particularmente a navegação de outrora.

Como o trabalho interessante o tornava um progressivo, alguns seios do escritor corrigiam-se pelo tempo adiante e aperfeiçoavam-se a sua redação, ganhando em distinção. De resto, a frequência da literatura dos cíclios desde a juventude, ajudada pelo constante folhear, durante toda a vida, de documentos dos séculos de portugueses mais castigo, e igualmente pelo natural efeito da reação devida ao esforço que sobre si próprio exercia para se não deixar influenciar pelos outros idiomas em que compunha, conservou sempre a sua linguagem uma boa vernacularidade que a recomenda, mesmo nas ocasiões em que a forma se torna mais troxa. E como poderia deixar de ser purista, de desejar-se pela dignidade do estilo, mediante a autonomia do vocabulário, um discípulo do Carnal Saravia, cujo amor a língua portuguesa foi tanto que, julgando desarrumada a sua próxima descendência de um idioma e comparativamente ruivo como o latim, com grave escandalo dos filólogos, lhe foi procurar ascendência entre os idiomas célicos falados na Lusitânia, posto que enriquecido com aquisições do latim culto ou das línguas neo-românicas?

Varnhagen tinha, entretanto, em si a melhor das condições para ser um escritor — tinha ideias. No panegírico do eminente filologista Claude Bernard, a quem sucedeu na Academia Francesa, Renan aventa que um grande pensador é sempre um grande escritor, porque a beleza e adequada expressão dos pensamentos levantados e por assim dizer instintiva. Ora, Varnhagen é mais do que um cronista eruditó. Entra de direto na categoria dos escritores da variedade a que os Almendros dão o nome de história pragmática, a saber a história que não é propriamente a filosófica, ou que dos acontecimentos deduz as leis que governam na sua marcha as sociedades humanas, mas que vai além da simples exposição dos fatos, acompanhando-os de reflexões e considerações sociológicas.

117. Lima, 1905.

(Diversas Academias, 19. V.)



Aspúlio de Ipanema, terra em que nasceu Varnhagen, em 1885.

(12) Lima, 1865 e Viana, 1866-70.
(13) Discursos de quelques points d'histoires géographiques do Brasil, Paris, 1841.
(14) A primeira viagem de A. Varnhagen, Viena, 1867, no Prefácio.
(15) Narrative and Critical History of America, 3 vols.
(16) Vide a nota 2, no final deste trabalho.

OS TUPIS - VARDHAGER

Eram todos de estatura ordinária, retores e bem feitos; de aspecto tristonhos, olhos pequenos, com frequência negros, encovados e erguidos, por via de regra, no angulo exterior, como na raça mongólica; sobrinhos estrelados e mui arqueados; orelhas grandes, cabelo liso, seguramente negro, bem como as barbas, que arrancavam por costume, e bem assim os cabelos do corpo, prestes e sobren os célticos, ficando lâmpadas; dentes altos e persistentes, e pés pequenos. Havia sobre tudo entre as mulheres, tipos de fêmeas mistas, que os europeus elegiam como fornecentes. Perdem os atributos do corpo ao achavam, em geral, horrivelmente desfiguradas no intento entre os homens.

De certa maneira os menores bairros, o que talvez procedia também do clima, que habitavam. Um escritor no século XVI bastante observador, adverte que na América os habitantes das terras quentes eram mais claros, que os das temperadas e frias, bem que entre aqueles, fossem mais escuros os das planícies e parques que os das terras montanhosas. Eram em geral flexuados e de paciência oriental para fazerem o que se propunham. Estudavam, deram bons mestres, e sabedores atuados no estudo.

Quase todas pintavam e coloriam os braços, a cintura, com tinta negra tirada do genipape, e a barba, como no face e nos pés, com um fino vermiculho, que extraiam do urucu.

Alguns sarjavam o corpo com riscos súrios com o dente de dentista, instrumento que lhes servia de faca quando se sangravam. Nessas sarjaturas, enquanto fressas metiam alguma cor, que se tornasse durável, e com elas presavam-se de videntes, fazendo geralmente novas riscas, depois de algum grande feito, que por esse meio permaneciam no corpo. Outros bandejavam os braços, principalmente o infrator, pondo no barro um grande botucu, pelo que fôrton pelas europeus chamados botucudos. Quando não

estava posto o botucu, que eles decimavam metade, tinham a facilidade de usá-lo com ajuda do lábio inferior furado pelo qual conseguiam encaixar na raiz com a mencionada almeça, para o conservarem assim arripado. Como os antigos europeus e asiáticos, untavam a pele, por se fazerem malbeiros.

As mulheres também se pintavam e usavam de cortes no pescoço e nos braços; e as dentes apertavam, de dentro para fora, dentes de animais. Não estavam em botucu em seus lápices, saia-lhes o pé buraco e a saliva quando falavam; e jorra-se fuzarem enrijecidos, deitando alguma vez por ai a língua de lora.

Tais botucus eram, não só de ouro como de pedra lisa ou de barro cozido, ou de âmbar, ou também de resina de jatai. O bracelete explorador de todo o costado do Brasil, Amerigo Vespuícius, conta-nos que viajou mui viços com sete buracos na raria. Seriam, com rara originalidade, outras dois nas ventas, ou lábio superior e um no lábio inferior.

Um deixavam crescer a cernelha; outros usavam de cernelha, pelo que, em Minas, lhe chamaram os micos. Coroavam, mas o uso geral era trosquiar e apurar o cabelo, mui regularmente, por uma lâmina que possuía de cima das orelhas. Combiam o uso de lustrado, uniam-se com azetites.

Os principais ornatos eram filos de contas brancas, teias de buscos ou de dentes dos micos, ou de animais ferinos, mortos pelos que os traziam; de modo que eram com uma espécie de condecoração, que ninguém se atrevia a usar sem a ganhar. Somaticamente se exibiam na maioria dos que as tinham, maxíma se haviam permitido os maridos.

A tais colares chamavam amarras. Por cada vilareja juntavam um colar, um dentre dela, se o pôde obter.

Os ornatos visosos consistiam em penas, principalmente vermelhas e amarelas, grudadas com a pele ou almeçadas, das quais usavam para ornar os braços e as pernas. As plumas

estava posto e botucu, que eles decimavam metade, tinham a facilidade de usá-lo com ajuda do lábio inferior furado pelo qual conseguiam encaixar na raiz com a mencionada almeça, para o conservarem assim arripado. Como os antigos europeus e asiáticos, untavam a pele, por se fazerem malbeiros.

As mulheres também se pintavam e usavam de cortes no pescoço e nos braços; e as dentes apertavam, de dentro para fora, dentes de animais. Não estavam em botucu em seus lápices, saia-lhes o pé buraco e a saliva quando falavam; e jorra-se fuzarem enrijecidos, deitando alguma vez por ai a língua de lora.

Tais botucus eram, não só de ouro como de pedra lisa ou de barro cozido, ou de âmbar, ou também de resina de jatai. O bracelete explorador de todo o costado do Brasil, Amerigo Vespuícius, conta-nos que viajou mui viços com sete buracos na raria. Seriam, com rara originalidade, outras dois nas ventas, ou lábio superior e um no lábio inferior.

Um deixavam crescer a cernelha; outros usavam de cernelha, pelo que, em Minas, lhe chamaram os micos. Coroavam, mas o uso geral era trosquiar e apurar o cabelo, mui regularmente, por uma lâmina que possuía de cima das orelhas. Combiam o uso de lustrado, uniam-se com azetites.

Os principais ornatos eram filos de contas brancas, teias de buscos ou de dentes dos micos, ou de animais ferinos, mortos pelos que os traziam; de modo que eram com uma espécie de condecoração, que ninguém se atrevia a usar sem a ganhar. Somaticamente se exibiam na maioria dos que as tinham, maxíma se haviam permitido os maridos.

A tais colares chamavam amarras. Por cada vilareja juntavam um colar, um dentre dela, se o pôde obter.

Os ornatos visosos consistiam em penas, principalmente vermelhas e amarelas, grudadas com a pele ou almeçadas, das quais usavam para ornar os braços e as pernas. As plumas

COLEÇÃO "PRESENÇA"

HERBERT PARENTE FORTES

Relatos numa fase de intensa literariedade editorial. Muitas empresas e casas da nova atrairam-se à publicidade com uma coragem que parecia destinada a competir com os bons literários aliados em causa de editoriedades. Infelizmente, porém, a preza não nos tem valido muito, salvo para fornecer mais extensivas as faixas daquele afora. Os novos editores estão ainda muito "creduos" nos seus autores e os estão subordinados aos editores. Estão falhando entre uns e outros um entendimento sincero de que resultará — assim o esperamos — o término da fase nebúlica do momento. Depois, cabe ao editor e seus diretores uma providência urgente: competir entre si. Que o novo publique parecendo lido e lendo, sob "ensaios" aqueles que o despicam com transações arbitrárias, de mera exploração e exploração das ploras "fragrantes" dos leitores. — O Brasil é, como foi e será sempre, a terra das surpresas para brasileiros. Uma delas é essa: o novo público adorará e crescerá vertiginosamente e aspirará a suas exigências de modo amonstrado. Como ilustração desse asserto, basta-nos citar: •

A nova diretoria da Academia Brasileira

Na penúltima quinta-feira de dezembro passado, a Academia Brasileira de Letras escolheu a nova diretoria que vai dirigir-lhe os destinos sociais em 1944.

Aparados os votos, verificou-se o seguinte resultado:

Para presidente, Mário Leão; para secretário geral, Pedro Colman; para primeiro secretário, Manoel Bandeira; para segundo secretário, Menotti Del Picchia; para tesoureiro, Ezequiel Pinto; para bibliotecário, Barbosa Lima Sobrinho e para diretor da "Revista", Adelmar Tavares.

A seguir foi aclamada a Comissão de Contas para o mesmo período, que ficou constituída dos srs. Cláudio de Souza, Ataulfo Pinto e Clémencino Fraga.

NOTÍCIA SOBRE VARNHAGEN

(Continuação da pág. 24) permaneceu até a sua morte, que ocorreu dez anos depois.

Varnhagen obteve o seu título de Visconde de Porto Seguro (com Grandeza) em 18 de maio de 1874. Antes fôr Barão do mesmo título.

Cassara-se com d. Carmen Ovalle Castilho, senhora de nacionalidade chilena, e de seu casamento lhe nascerá um filho, Luiz de Varnhagen, que fôi embaixador do Chile em Berlim e morreu em dezembro de 1939 no Rio, onde se achava de passagem.

Varnhagen tinha numerosas condecorações, como a de comendador da Ordem da Rosa, a de cavaleiro da Ordem de Cristo, a de Gran-Cruz da Ordem de São Estanislau, da Rússia, a da Ordem de Perto, da Áustria, a de Isabel, a Católica, da Espanha, e a de Carlos III.

É o porto de São Vicente, por assim dizer, formado de um canal que, convenientemente, se afixava entre duas ilhas de indiana extensão, conchegadas à terra firme. Mais tarde, por este adentro fica a que se diz de S. Vicente, cuja planta apresenta alguma semelhança ao perfil de uma cabeca humana, vista pela face direita. Um pouco para o norte, se prolonga a vizinha ilha de Santo Amaro, que, desse rumo, vai juncar na barra do canal chamado da Berlenga, corrupção de Buri-qui-oca, que quer dizer "covil de bogos", o que prova que ali devia de haver muitos, pois eram os Tupis sinceros em tal denominação. Assim a dita ilha de Santo Amaro chamaram os elefantes Guaimbê, planta deste nome, que nela dava como verdadeira presa. A ilha de S. Vicente chamaram Orpion ou Mor-

plan, nome que somente podemos explicar com uma contracção de Morubim, isto é, Campe dos trabalhadores ou ladrões. O nome de S. Vicente lhe provém da povoação nela construída, que o resguarda em virtude de ser o que já tinha o porto. O local desta última ilha, escolhido para assentamento da colônia, foi uma quase insensível extensão frontal à barra e à ilha de Santo Amaro, milha e meia de areia, e situada no meio do istmo para um farolhão ou promontório, em que era remata por este lado. Os morros desse promontório alimentariam os mananciais de água para a povoação, e dariam no princípio pedra para as obras; e as matas, que ainda hoje os cobrem, forneceriam com a maior comodidade a necessária lenha. Um pequeno regato, essencial para muita em qualquer povoação,

corre para o lado da barra, e vai desaguuar na deliciosa praia que segue conformando a ilha. — Para o rumo oposto, a quase igual distância, havia outra vez água, um mar pequeno, com beiras mal propostas para porto e varadouro das canas. Finalmente do local preferido se descobria, pela barra, o mar, até perder-se no horizonte, e que permitia aos moradores sem atalaia de aviso, juntarem-se a um tempo a qualquer rebata de um pirata inimigo. O viajante que porresse a ilha de S. Vicente, em busca da melhor paragem para uma povoação, sobre tudo no mês de janeiro, em que a praia de Embaer, fronteira à barra, está alagada, ainda hoje não indicava outra mais adequada, se o porto de S. Vicente pudesse competir com o de Santos, alias abuído e tristonho.

FUNDAÇÃO DA BAÍA

(Continuação da pág. 21)

Salvador, e assim se lhe chamava em todos os documentos contemporâneos, e não cidade de S. Salvador, como hoje dizem, talvez porque esse nome foi o preferido na bullia da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no topo um ramo de oliveira com a chispa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente e simbólico da sua bulla da criação do bispoado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade pur armazém, um campo azul, uma pontinha, tendo no

SILVIO ROMERO

diário ao sr. Nelson Romero algumas coisas que é de aula privada de literatura, mas que ele guarda totalmente a saber, que esses problemas de cultura e cultura literária são problemas absolutamente sérios, de natureza científica, problemas que não podem ser resolvidos por um mero palpite sem fundamento. Sem ir às grandes literaturas, aquelas em que habitualmente devem pairar as invenções de Nelson Romero, e aumentando-nos a modestia pratica no caso do nosso idioma, posso-nos dois problemas dessa ordem, em torno dos quais nem sido levantadas bibliotecas. O primeiro pertence à literatura portuguesa, e é o da mitologia da Arte de Furtar. O segundo, livro foi principalmente atribuído ao Padre Vilela. Foi depois atribuído a Tomé Pinheiro da Veiga, a Alvaro de Guadalupe, a João Pinho, a Duarte Ribeiro de Mendo, a Antônio de Souza de Mendo. Numerosos críticos em Portugal, e entre estes Cândido Lúcio e Camilo Castelo Branco, vários críticos no Brasil, como João Ribeiro e Sodré de Lacerda, estudaram a fundo. E acaso esses influentes trabalhos lograram estabelecer em definitivo a autoria da "Arte de Furtar"? De forma nenhuma. Tudo em torno do glorioso livro continua a ser mistério e hipótese. E homens como Aubrey Bell chegam à conclusão de que se trata de um problema para todo o sempre insolúvel...

No Brasil, temos o problema das "Cartas Chilenas". A erudição nacional se pergunta há um século: Quem é o autor dessas famosas cartas? E chevou as hipóteses: Varnhagen, Fernand Denis, Camilo Castelo Branco, Teófilo Braga, Silvio Romero asseguram que é de Alvaro de Guadalupe; o mesmo Veríssimo (nunca segundo Veríssimo), Lindolfo Gomes, Silviano de Almeida, Caino de Melo Franco afirmam que é de Claudio Manuel da Costa; Alberto Pinto, Artur Mata, José Veríssimo, Afonso Arinos de Melo Franco, Afonso Pena, Junqueira, Manuel Bandeira, Luiz Camilo de Oliveira, Arlindo Chaves, garantem que é de Tomaz Antônio Gonzaga; há os que, como Pinto da Silva e Sud Menezes, e num uma tese sólida: a da colaboração de dois desses poetas ou mesmo dos três... Ha, entendo quem, como Joaquim Ribeiro, opine que se trata de uma obra apócrifa. Para o esclarecimento do enigma tais recursos são usados. E os eruditos que chegam a concretos dos adverbios, dos verbos, e até dos adjetivos gráficos — para verem se por meio da fala deles logram algum resultado.

UMA CENA NO PEDRO II

Tendo que tratar de um problema muito mais difícil — a da autoria das páginas de um livro feito em colaboração por dois escritores — o sr. Nelson Romero entende que bastaria apelar para a solução facilíssima de palpite pessoal!

Será esse um processo crítico, será esse um processo científico, em alguma parte do mundo?

Podem ver uma cena que não deve ser difícil de ocorrer. — Um aluno do Pedro II, interessado em assuntos de literatura, entra em um dos salões da cidade, e constata com prazer que quatro ou cinco mil reis, num livro que tem o título de "Compendio da História da Literatura Brasileira", o Padre Leônidas França dá-nos um elogio da obra de Silvio Romero. Começando a estudá-lo, e sabendo que ele é da colaboração de Silvio Romero com João Ribeiro, tem uma inspiração excelente: é óbvio, no seu colégio, de professor Nelson Romero, filho de um dos autores do tal "Compendio", não de apurar com ele

o que foi que Silvio deixou na obra, o que foi que deixou João Ribeiro. Vai, então, postar-se à porta de entrega do Padre II, à espera do professor Romero. E quando o professor saiu do banheiro e se aproxima, o rapaz se dirige a ele, com o livro na mão direita:

Professor, eu queria lhe dizer um favor...

— Qual?

Eu comprei este livro num sebo... e como é da autoria do dr. Silvio Romero e de João Ribeiro, eu queria que o senhor me dissesse o que esse polêmico livro foi escrito por dr. Silvio, e pelo outro autor colaborador.

Nelson Romero toma o使我 dos seus ares de professor — o seu ar n. 1, aquele com que, sem nenhuma piedade, com os seus treinadíssimos atingidos, mordendo a minha pobre cabeça — e responde assim:

— Menino, você vai lendo o livro. Vá verificando que existem nelas boas e más páginas... Pois tome a lição que eu há dias passadas dei aquele Júlio Mário Leão: toda a vez que encontrar alguma coisa boa, atribua a João Ribeiro, e toda a vez que encontrar alguma coisa que não preste, atribua a meu pol...

E essa a conclusão fina que podemos tirar das palavras de Nelson Romero, acham transcritas.

NELSON VERSUS SILVIO

Aqui eu desço protestar contra esse falso conceito: Silvio Romero — mesmo encarado apenas como erilista — é uma das mais puras glórias do Brasil. Teve lá seus defeitos: foi um homem de grandes paixões as vozes injustas; nem sempre reviu aquela serenidade que havemos de exigir a quem, como ele se dava, no exercício da critica. Mas, com isso, que grande e luminosa alma, que alma ardente e valente possuía! Com que ardor defendeu tudo o que se prendia à existência da cultura humana! Com que devotamento amou o Brasil! Com que clarividência sondou e compreendendo os problemas mais relevantes da nossa terra e da nossa gente!

Para falar claro, porém, o que quero sustentar é o seguinte: Nelson Romero não dispõe das qualidades de espírito e cultura, que precisaria ter para tratar com justiça da obra de seu pai. E, cruel talvez, ter de dizer isso a um filho; mas já agora o direi: Nelson Romero não possui aquela isenção de inteligência, aquela liberdade de orientação filosófica, nem mesmo aquela ponderação de espírito, que lhe seriam imprescindíveis, para que ele pudesse ter sobre o velho Silvio um julgamento exato. Em primeiro lugar, tem um ponto de vista todo seu, um ponto de vista abstrato e perfeitamente anti-jurídico, no encarar os problemas da propriedade literária; e uma vez que se sabe filho e herdeiro de Silvio, imagina que tem o direito de entrar no território da obra escrita pelo pai e alterar tudo, à felicidade do seu gosto ou das suas convicções. Em segundo lugar, só pode olhar a obra de Silvio Romero com um critério de opinião e negativismo.

Nelson Romero tem, em filosofia, reconhendamente, uma orientação religiosa. Silvio, ao contrário, era um espírito de orientação filosófica, integramente livre dos compromissos religiosos. No seu livro "História da Filosofia", o Padre Leônidas França dá-nos um elogio da obra de Silvio Romero. Diz: "um espírito sem soldades nenhuma profundidade... um espírito mais ou menos incutiente das opiniões em voga, uma vítima da moda filosófica, desejoso de estar sempre com a escola "nowaissina" (9.ª ed.,

pág. 477). Pouco depois, assim resume a sua opinião: "Reencontramo-nos em Silvio Romero alguém talentoso, atividade literária incansável, fecunda e precipitada por excesso de operosidade, certa versatilidade de engenho aplicada a variados ramos do conhecimento, mas raramente nos levantando em declaração filosófica de influência destrutiva. Ressentem-se os seus erros de todos os defeitos de um autodidata: desorientação de idéias, ausência de principios sólidos, de demonstrações seguras, de convicções pessoais fundamentadas. Sua erudição filosófica é muito limitada e unilateral ("idealista", como diriam os almirantes), cingindo-se ao conhecimento dos autores materialistas, positivistas e evolucionistas do século XIX. Entre esses, o tempo parece ter sido o critério principal de suas preferências. Dos erros grosseiros da apreciação dos homens e das idéias do passado. Numa palavra, no tempestuoso mar das opiniões modernas, Silvio Romero foi um barco sem leme nem bússola. Vagou entre a maré dos ventos dominantes, oscilando entre as vagas e por fim submerso sem deixar traços de suas passagens, sem sondar profundidades, sem descrever novos horizontes" (pág. 487).

Aqui está o duro julgamento que de Silvio Romero faz o Padre Leônidas França, que é um dos mais autorizados intérpretes do pensamento religioso no Brasil.

Pergunta-se agora: Poderá ter Nelson outra julgamento — ao menos se quiser ser consequente — acerca da obra e do espírito de Silvio? Não é fácil acreditar. A única coisa em que pudemos crer, nesse terreno, é aquela que vemos evidenciada: Nelson Romero terá certeza de enviar todos os seus esforços para fazer o velho Silvio volver aquilo que ele considera o bom caminho; para fazê-lo abandonar os erros deploráveis das lições de Comte, Haeckel e Spencer e entrar no caminho da Metastatística, único que conhece aos dois Puritanos existentes — o Puritano da Filosofia Perfeita e o Puritano da Perfeita Benaventurança.

É claro que no dia em que ele puder, haveremos de ver algumas coisas inverdadeiras e velho Silvio vestido numa bela batina de jesuítas, batendo no peito o menor filosófico dos seus menúculas, e proclamando aos poucos que abandonou de uma vez os erros do miserável Materialismo para encontrar a Verdade nas divinas lições de Santo Tomás!

Isto — se antes disto Nelson Romero — novo Torquemada — não arranjaria uma gova inquietação, para de uma vez destruir no fogo a pecaminosa obra do velho Silvio...

SANTÍSSIMA SIMPLICIDADE!

Como quer que seja, a solução que Nelson Romero propõe para a questão da autoria do "Compendio" é meramente inepta.

Santíssima simplicidade, a sua! E dizer que "isso" tem dezenas de concursos! Dizer que "isso" é professor do Pedro II! Dizer que "isso" é considerado ensinar a rapazes que tem uma vontade sincera de aprender!

UM DEPOIMENTO DE JOÃO RIBEIRO

Tratando do caso do "Compendio", Nelson Romero se deu ao trabalho de transcrever um artigo do "Imparcial", em que João Ribeiro confessa que fez o livro em colaboração com Silvio Romero. Tal transcrição me parece inteiramente exequida — uma vez que nunca estive em discussão com ele, e verificar-se se o livro foi feito

ou não por eles dois num trabalho comum. O que é difícil é que se presta achar que é unicamente isto: o que é que no livro foi escrito por Silvio Romero? O que é que no livro foi escrito por João Ribeiro? E mais isto: na página do "Compendio", publicada pelo sr. Nelson Romero na 3.ª edição da "História da Literatura Brasileira", como sendo da autoria exclusiva de Silvio Romero, terá mesmo de ser da exclusiva autoria desse escritor, ou terão colaborado?

Ao inicio desse questão, Nelson Romero fugiu, como foge de todas as outras questões que lhe são postas de frente. E vai perdendo-se em nebulosas divagações inúteis...

Não obstante todo o esforço que faz Nelson Romero para atribuir a Silvio Romero a autoria, quase exclusiva desse "Compendio" (o fato de transcrever na 3.ª edição da "História" capítulos e capítulos da obra bem o demonstram) há uma passagem de João Ribeiro que me parece apta a nos autorizar uma conclusão contrária. Refiro-me a certo trecho do artigo "Coisas que passaram", incluído em "Cartas devotivas" (pág. 192), trecho em que João Ribeiro diz: "Tenho ainda a curta em que José Veríssimo se despede das minhas relações e foi escrita quando apareceu a pequena "História da Literatura" — que de modo comum escrevemos Silvio Romero e eu. Não me cabia suprimir o meu colaborador, que, evidentemente não gosta de José Veríssimo. Algumas frases intercaladas no livro..."

Al ésta o que dirige a lei, com referência às obras folhas em colaboração — como é o caso do "Compendio da História da Literatura Brasileira", dito por Silvio Romero e João Ribeiro.

Ainda terá neceário de voltar a citar o Código Civil — para示意ar ao sr. Nelson Romero que ele não podia fazer nenhuma alteração na obra de seu pai.

19-12-1943.

QUARTO ARTIGO

AS BOAS FRASES LATINAS

Viu o leitor, se creio, revendo o esforço de passar os olhos por algumas das artigos de Nelson Romero, que o meu errei na personagem sua de um processo literário que, na opinião minha, é a equivalente ao empreço sistemático das vossas adições? Sendo eu uma de minhas frases e frases em língua latim. Não dirá que isso não seja honesto, e dê nos amigos dela um ar de sabedoria e uma elevação que eu não desejaria ter.

Infelizmente, não sei de latim. O que aprecio no erreiro não foi tanto das coisas d'índiações (se é que tempo em errem eram). De momento que quando ouço alguma frase em latim, minha tendéncia é respeitar e admirar. E o que acontece agora, quando ouço com minhas orelhas metidas no latíno, no latim. Quando o latim que ele cita vem na parte de trás da Pequena Lárouse, ainda é muito bom; eu corro a esse protesto ignorante, e tento a definição do enigma, em geral extinto a alguma possibilidade de Horácio ou de Vergílio, ando tímido da preferência do sr. Nelson Romero.

Se tudo se limitasse a isso — a essa exigência inaceitável de sabedoria por parte de Nelson, a essa necessidade curiosamente ignorada por minha parte — confesses que já estou hoje passado de mal de terça ordem, de uma latimada que talvez me conduzisse a não me entender.

Mas, praças a Deus, entre mim e Nelson Romero, entre a minha inútil ignorância e a sua sabedoria inútil, existe a

DIAS

ESTUDO LIDO NA ACADEMIA
BRASILEIRA DE LETRAS, EM 22
DE DEZEMBRO DE 1943

SO' EXISTE UMA ARTE

Quirino
CampolitoritoDuas palavras
ao Leitor

Querido leitor, a nossa página o convidou a criticar e a ilustrar pintor moderno. Quirino Campolitorito, professor da Escola Nacional de Belas Artes. Vem ele, com o seu brilhante trabalho, dar aos leitores sua opinião sobre a existência da Unidade de Arte.

Aproveitamos a oportunidade para definir de uma vez a posição de AUTORES E LIVROS, dentro do panorama artístico brasileiro.

Na nossa maneira de pensar, a Arte é uma só, como um só é o espírito da Religião que conduz o pensamento a Deus. Entretanto, existe o Dogma. Entretanto, existe a Igreja, acreditando-se autorizada para calmar o impulso espiritual que impõe a alma à suprema unidade. Ela tortura a forma variada e múltipla dessa manifestação sagrada, impondo regras e conceitos quando não inflingindo castigos para os que não aceitam sua arbitrária autoridade.

O pior é que realçando valores ou prestando a mais lisonjeante mediocridade, esta literatura dirigida à massa impõe a forma egóistica, que se tem servido para realçar maiores posses. Também conseguindo realçar todos a nível de mediocridade.

Este é o motivo por que AUTORES E LIVROS acolhe e divulga o pensamento e as obras de todos os que lutam pelo direito de seguir com absoluta liberdade qualquer orientação artística.

Raul de São Vito.

Poderia parecer desnecessário, mas não é, que eu me apresente. Não como "estilo", simbolicamente. Mas como um indivíduo que seu público, seu trabalho, criado ao cretino e "clima Magnético" da denominada "Arte Moderna". Para isto estou certo que não precisaria chamar-me Físico da tal, que sou e fui eu que sou, nem, sobretudo, Fui o promotor e mentor.

Contradição de alma humana!

Fui, sim, quem te deu o exemplo.

Quero encadeamento. Gosta estruir com a ferrearia pela retórica quase liberal de verso "Fui eu quem te deu o exemplo".

Isto que, é, um contípulo.

Era grande — a char.

"char" — repetiu aqui e apareceu na minha entrope seguinte, como um ferro.

A fronte pálida, pálida.

Querido leitor, é que eu sou apesar de todos os que lutam pelo direito de seguir com absoluta liberdade qualquer orientação artística.

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

E é que, é que, é que, é que, é que,

